



Na Lupa: 1968 quarenta anos depois ¹

Samuel Barros²

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

A quinta edição da revista Lupa, uma publicação laboratorial da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom-UFBA), trouxe na capa uma reportagem – *Nada será como antes* - sobre a participação da juventude contemporânea na política. A reportagem foi produzida no contexto das comemorações dos 40 anos de 1968, com o objetivo de criticar as eventuais comparações entre a juventude daquele momento e a atual.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo experimental; jornalismo de revista; participação política; juventude.

INTRODUÇÃO

Em 2008, o histórico 1968 completou 40 anos. No Brasil e no mundo não foram poucos os eventos e atos públicos que lembraram a data. Todas revistas brasileiras de circulação nacional deram capa com o assunto, sobretudo no mês de maio, que foi o epicentro do furacão de mudanças que aquele ano representou – a insurreição parisiense – que teve grande impacto sobre os imaginários da época e de hoje.

O ano de 1968 entrou para a história como “o ano que não terminou”. Foi um momento de confluência de muitos movimentos sociais. Um ano de virada, sobretudo dos imaginários, do século XX. Neste ano foi assassinado Martin Luther King e de Robert Kennedy, inúmeras manifestações, sobretudo estudantis, tomaram as ruas em protesto contra a Guerra do Vietnã e contra os regimes autoritários vigentes em diversos países do mundo, sobretudo na América Latina. No Brasil, em 13 de dezembro foi decretado o quinto Ato Institucional, o famoso AI-5, pelo então Presidente Costa e Silva.

De modo geral, a aquele foi um momento histórico em que se viu uma oportunidade para sacudir os valores da “velha sociedade”, dentre os quais suas idéias sobre educação, sexualidade e prazer. Qualquer revista voltada para o público universitário, portanto, estava intimada a tratar do assunto. A edição 5 da revista Lupa, produzida no primeiro semestre de

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo informativo – Noticiário, Reportagem, Entrevista (avulso). Orientado por Alice Vargas, editora de arte da Lupa, e-mail: avargas002@gmail.com

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso Comunicação, habilitação em Jornalismo, e-mail: samuel.barros77@gmail.com.



2008, decidiu tratar o tema de modo mais reflexivo e contemporâneo, tento em vista que as matérias veiculadas em revistas até então louvava muito os acontecimentos, o que quase sempre levava a considerar como inevitável a dita inércia da juventude atual. Foi publicada, então, como matéria de capa *Nada será como antes*.

2 OBJETIVO

2.1 Os objetivos da Lupa

Antes de tratarmos dos objetivos específicos da matéria em questão, faz-se necessário conhecer a proposta do veículo em que ela foi publicada. A Lupa é uma revista impressa laboratorial da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom-UFBA) produzida por estudantes da disciplina Temas Especiais em Jornalismo Impresso³, o que a caracteriza como um espaço para experimentação e aprendizagem.

A realização dessa publicação tem como objetivos divulgar a produção dos alunos do curso de Comunicação da UFBA, estimular a produção de textos, criar um elo entre a teoria e a prática do jornalismo, através de um produto laboratorial, bem como colocar em circulação um produto editorial não comercial dirigido à juventude universitária.

Busca-se uma identificação temática e visual com o público jovem universitário, compreendido como o grupo etário entre 17 e 25 anos. O leitor modelo pensado pela Revista-Laboratório Lupa é um/a jovem interessado/a nas questões de atualidade e nas questões sociais; na cultura e na sociedade onde vive. Seja das humanidades ou das exatas, é um/a estudante que quer tirar o máximo proveito da sua condição.

2.2 Objetivos da matéria *Nada será como antes*

No decorrer da apuração, os repórteres Edna Matos e Samuel Barros, perceberam um ponto em comum nas muitas matérias circularam na mídia nacional: o tom saudosista e a conseqüente comparação com a juventude atual, o que leva quase sempre a condenação moral desta em comparação com aquela.

A matéria, portanto, tem a pretensão de investigar como se dá a participação política da juventude atualmente e, a partir destes resultados, mostrar a impossibilidade de comparar uma geração com a outra. Para isso entrevistamos jovens envolvidos com os mais diferentes modos de ação política e envolvidos com partidos políticos. Também foram abordados

³ Atualmente, a revista Lupa é produzida na disciplina Comunicação Jornalística, lecionada pela Professora L. Graciela Natansohn.

políticos baianos de destaque com o propósito de identificar possíveis mudanças entre o modo de fazer política dos seus tempos de juventude e atualmente.

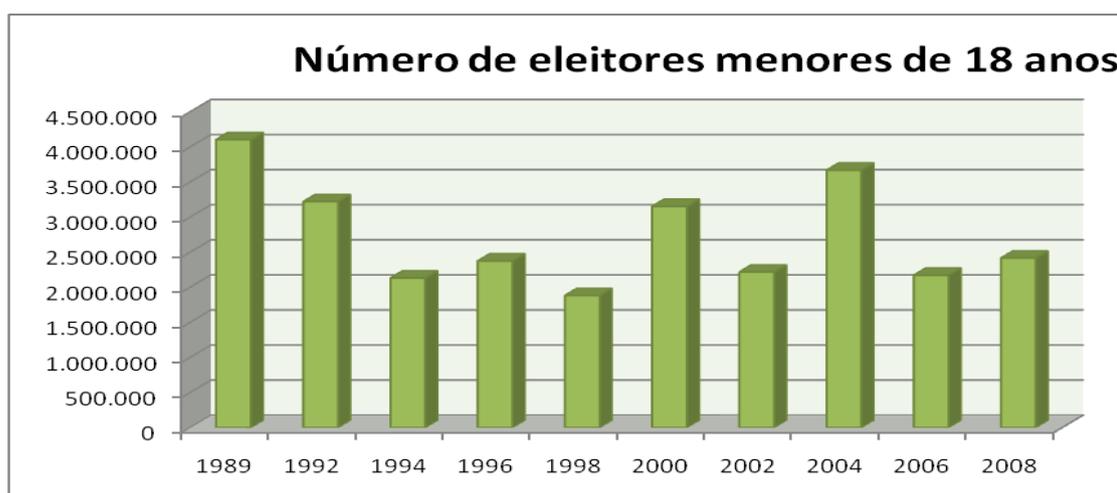
3 JUSTIFICATIVA

A revista Lupa trouxe como argumento para sua existência, desde o primeiro momento, a necessidade da Facom-UFBA participar ativamente, no âmbito das publicações jornalísticas da cidade, registrando a vida sócio-cultural de Salvador, considerando a fragmentação da cultura juvenil em tribos a partir de gostos musicais, vestuário e ideologias.

Dentro da Lupa, a matéria *Nada será como antes* justifica-se por tratar de assuntos diretamente concernentes aos jovens, o público-alvo do periódico, no que toca a participação política. De certo modo, a partir dos subsídios do trabalho de reportagem, a matéria tem grande importância, por não tomar como verdade a idéia de que os jovens são apáticos, baseado no argumento de que escolher não participar do jogo partidário já uma decisão política.

Não obstante, nas eleições, que é o símbolo máximo do exercício da política, a participação dos menores de 18⁴ anos diminui desde 1989. O gráfico abaixo revela que a participação dos jovens entre 16 e 18 tem oscilado bastante, desde 1989, com tendência de queda.

Gráfico⁵ 1: Número de eleitores menores de 18 anos entre 1989 e 2008.



⁴ No Brasil, entre 16 e 18 anos o voto é facultativo. Depois dos 18 é obrigatório.

⁵ Gráfico feito a partir de dados do Tribunal Superior Eleitoral.

Porém, se comparamos a participação de jovens entre 16 a 24 anos, nas eleições de 2008, com eleitores das outras faixas etárias, percebemos que os jovens são uma fatia com grande peso nas decisões políticas.

Gráfico 2: Comparação dos eleitores que têm entre 16 e 24 anos com os demais eleitores, nas eleições de 2008.



4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A dinâmica de produção da Lupa se assemelha a uma redação, com funções para cada um dos membros da disciplina, a saber: a) Editora Chefe, b) Editora de Arte, c) Editor de Fotografia, d) Diagramadores. e) Editores⁶, f) Repórteres.

O processo de produção passa pelas seguintes etapas: a) Reunião de Pauta, para discutir e decidir quais as matérias estarão presentes na próxima edição da Lupa. Nela decide-se quais repórteres cobrirão as matérias pautadas e a abordagem inicialmente prevista para cada uma delas. b) Reunião de Editoria, separados por Editoria, participam dessa reunião os repórteres e seus respectivos editores. Neste momento, o repórter explica como está o andamento da apuração, o que já foi feito, com quem falou e o que falta para concluir.

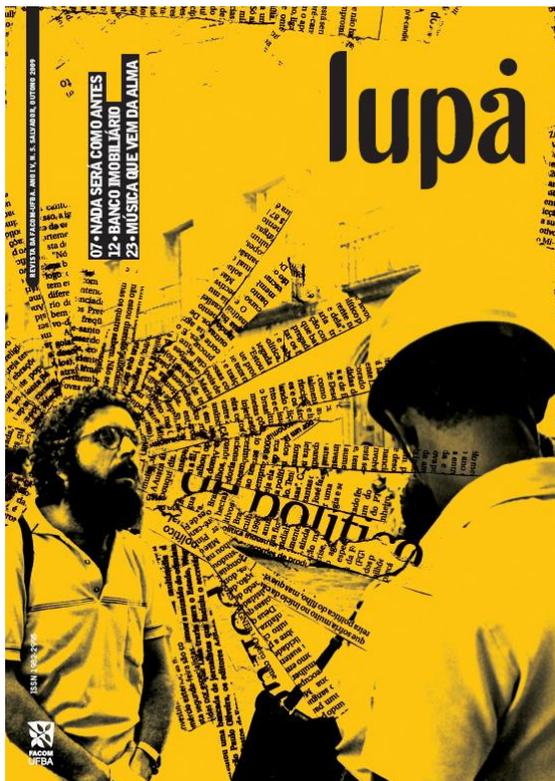
Nada será como antes obedeceu a dinâmica de trabalho da Lupa, com a diferença de que demandou acompanhamento mais próximo da editora-chefe e da editora de arte, para que a cada momento estágio do trabalho fosse pensado o todo, a exemplo da busca, durante toda a apuração, por imagens históricas que seriam usadas na diagramação.

⁶ Para cada editoria temática da revista, escolhem-se alunos-editores, que trabalham em coordenação com a editora-chefe. Há um editor para cada uma das editorias previstas no projeto editorial: Circo Urbano (comportamento); Prova dos Nove (educação); Passepartout (arte); Cubo Mágico (literatura, ensaio); Meio e Mensagem (comunicação, tecnologias da informação); Impressões (ensaio fotográfico).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A matéria foi publicada em cinco páginas, conforme está abaixo, com uma diagramação preocupada em dispor os elementos de modo a agregar mais significado. Ao tempo em que se preocupa com a simplicidade aconselhada pelo projeto gráfico da Lupa.

Diagramar foi um desafio especial por se tratar de uma publicação em preto e branco, o que exigiu da equipe de diagramação muita criatividade para utilizar artifícios que despertam a curiosidade dos jovens leitores, sem o uso de cores – enfatizar através do tamanho, forma, contraste, isolamento, variação da percentagem de preto, utilização de imagens, quebra da matéria em subcomponentes (título, subtítulos, texto, caixas) e espaços em branco.



Texto Edina Mateo e Samuel Barros

No embalo das comemorações do quadragésimo aniversário dos movimentos estudantis de 1968, o senso comum é tentado a comparar a atividade política da juventude daquela geração com a atual. Com poucas variações, chega-se à conclusão de que os jovens de hoje são apáticos, passivos e despolitizados. Em oposição aos dias atuais, argumenta-se que aquela juventude lutou por mudanças sociais, culturais e políticas, revolucionando a moral e os costumes da época.



CÍRCULO URBANO

1968
1973
1979
1981
1984
1986
1988
1989
1992
1997
1998
2001
2003

Outros, porém, consideram que os tempos são outros, os problemas mudaram e consequentemente as soluções também. Para a professora e deputada Emília José (PT), a forma como a juventude faz política mudou profundamente, fazendo-se necessário entender que a juventude busca mecanismos para estar presente na vida política de forma mais diversificada, e não apenas na ação política direta ou na militância partidária. De certo modo, atividade política está distribuída por todos os campos onde se requer uma atuação cidadã. "Na falta de espaços suficientes nos partidos políticos para a participação, a juventude encontra abrigo para a realização de seus sonhos nas organizações não-governamentais (ONGs), nos trabalhos voluntários, nos movimentos de massa não-partidários e nos grupos culturais dos mais variados", esclarece.

Hoje, as lutas se ampliam e almejam, entre outras coisas, a democracia social, racial, de gênero e o uso racional das recursos do planeta. Isso tudo em contraposição à lógica de uma sociedade que valoriza cada vez mais o capital em função do social. De certo modo, os problemas ficaram mais complexos e dispersos por várias áreas. Tal combinação levou ao esvaziamento dos espaços tradicionais – como partidos, sindicatos e grêmios estudantis, que não conseguiram atender as novas demandas. Camila Carneiro, 18, estudante e militante do movimento de proteção aos animais, defende a importância de organizações da sociedade civil

para "uma coexistência melhor entre os seres humanos". Ela argumenta que não se deve esperar pelo outro ou pelo Estado, para fazer alguma coisa. "Isso quer dizer que não pode esperar por instituições que terceiros para tomar atitudes", afirma.

Para Emília José, a atuação política precisa considerar a nova realidade. "Não dá pra pensar a participação da juventude, hoje, sem pensar, por exemplo, na internet. E preciso compreender as reais, articuladas de variadas maneiras, das quais a juventude participa", explica. Uma pesquisa realizada em 2005 pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômica (Ibase) ajuda a entender melhor a participação da juventude brasileira atualmente. A pesquisa constatou que 28,1% dos jovens de 13 a 24 anos participam de alguma atividade em grupo. Nesse percentual tem destaque a religião (42,5%), o esporte (32,5%) e a arte e a cultura (28,5%). Fica claro que o movimento estudantil não é mais o propulsor desta juventude, apesar de manter seus organismos de representação.

"Queremos ser ouvidos"

Esse foi o mote da campanha do Governo para socializar os jovens de 16 e 17 anos a exercer seu direito de voto em 2008. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o número de registros de eleitores entre os jovens nessa faixa etária em diminuiu desde 1989. Nas eleições daquele ano, havia 4 milhões de

Eleitores menores de 18 anos

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

eleitores menores de 18 anos. Em 2006, eram pouco mais de 2 milhões. O descrito nos textos, nos partidos e nas instituições são os principais argumentos dos jovens para justificar esse desinteresse. "Se não fosse obrigatório, não haveria problema em não votar. Sou muito incoerente em relação a todos os partidos políticos", comenta a estudante Lucas Mendes, 21, que votou pela primeira vez aos 17 anos. Para o estudante Mário Souza, 19, a política está num momento de estagnação por causa "do seu muito incoerente em relação a todos os partidos políticos", comenta a estudante Lucas Mendes, 21, que votou pela primeira vez aos 17 anos. Para o estudante Mário Souza, 19, a política está num momento de estagnação por causa "do seu muito incoerente em relação a todos os partidos políticos", comenta a estudante Lucas Mendes, 21, que votou pela primeira vez aos 17 anos. Para o estudante Mário Souza, 19, a política está num momento de estagnação por causa "do seu muito incoerente em relação a todos os partidos políticos", comenta a estudante Lucas Mendes, 21, que votou pela primeira vez aos 17 anos.



1968 Março: No Brasil, o ano começou no dia 20 de março quando o estudante Edson Luís foi assassinado pela polícia, em uma manifestação no restaurante universitário do Calábrego (RJ).

Outubro: Ocupação da Rua Maria Antônia - conflito entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e os estudantes da Universidade Mackenzie ligados ao Comando de Caça aos Comunistas (CCC).

1973 Dezembro: 39º Congresso da UNE em Blumenau-SC, resultou em mais de 700 estudantes presos.

1979 Agosto: Marce Marre Alexandre Vannucchi Leme, estudante de direito da USP, A transição social e sociedade civil contra o regime militar e fortalecer a luta que se formava contra a tortura.

1979 Agosto: Na ação da Ditadura Militar, a oposição de estudantes da USP, A transição social e sociedade civil contra o regime militar e fortalecer a luta que se formava contra a tortura.



PC do B, e terceiro geral da União Nacional dos Estudantes (UNE), aponta que o problema está na mídia brasileira, que "tema incutir na cabeça da juventude que política é mesmo esnobismo que não transmite com frequência nos noticiários". Segundo o líder estudantil, "a mídia critica na vida com todos os partidos e suas lideranças, buscando manter a juventude longe das organizações que mais influenciam nos tempos de aula".

Por outro lado, Alexandre Afonso, presidente da Juventude Democrática da Bahia (JEDM-BA) e filho do deputado federal José Carlos Afonso (DEM-BA), aponta que a culpa está em algumas entidades que passaram "a defender o governo, como a própria UNE". Para ele, "os jovens estão desamparados politicamente. A UNE é inativa, por estar ocupada demais com intervenções palacianas".

Lucas Mendes, 21, que votou pela primeira vez aos 17 anos, afirma que a UNE continua atuante e tem realizado dezenas de atividades e atos em defesa dos interesses da juventude. Segundo ele e que mudou, "é que hoje se vê uma série de avanços,

1981 Agosto: Inconformação com o aumento das tarifas de ônibus, milhares de pessoas iniciam um grande quebra-quebra em Salvador com a participação de estudantes da sociedade civil participaram de comícios com mais de um milhão de pessoas.

1984 Agosto: "Diretas Já", movimento de maior participação popular da história do Brasil, apresenta eleições diretas para Presidente da República. Lideranças estudantis e outros grupos organizados da sociedade civil participaram de comícios com mais de um milhão de pessoas.

1986 Novembro: Após anos de hegemonia do grupo carlista, a Bahia elegeu um governador da oposição, Waldemar Pires. O governador frustrou as esperanças populares que lhe deram apoio renunciou para concorrer como vice na chapa de Ulisses Guimarães e presidência da República.

1988 Março: Promulgação da Constituição do Brasil, que permitiu o voto facultativo para jovens de 16 e 17 anos.

1989 Novembro: Depois de 29 anos, o Brasil volta a ter eleição direta para Presidente da República.



Inclusive na área educacional, no entanto todas elas têm mantido a UNE numa postura autônoma e independente diante do governo".

Militância partidária: O que fazer?

Enquanto eleições e candidaturas se sucedem, surgem posições mais críticas que questionam a legitimidade dos partidos.

"Os partidos seguem a mesma estrutura de reprodução de uma sociedade racista e machista", afirma Lú V, 22, militante do movimento Pretos Negras. "Não adianta ser chamada pelo nome que os colonizadores me legaram", afirma. Segundo ela, os partidos não trazem propostas de mudanças significativas, mas simplesmente buscam se promover dentro de determinado status político. Lúcia Albuquerque, 25,

estudante, completa: "eles [os partidos] dizem ter uma ideologia, mas quando você vai ver na prática não é bem isso que acontece", diz.

Para se adaptar às mudanças, os partidos políticos brasileiros se esforçam para fortalecer a participação da juventude e renovar seus quadros. Mesmo apresentando sem muita tradição com a militância jovem têm essa participação garantida nos seus estatutos. Afonso, é uma parcela do eleitorado com grande força de decisão. Os jovens entre 16 e 24 anos representam 22% do eleitorado, o que corresponde a cerca de 25 milhões de eleitores, segundo o TSE.

No entanto, os partidos políticos parecem pouco atraídos para os jovens. Dados do TSE mostram que, em todo o Brasil, somente 4,5% do total de eleitores (de 16 a 24 anos) estão filiados a algum partido, sendo que abaixo de 18 anos são apenas 0,2%. No entanto, Max Bandeira, 17, estudante, considera que "nem os jovens, nem os adultos" têm participação da política de modo satisfatório. Ele argumenta que o poder sempre foi concentrado nas mãos de poucos, o que reflete um desperdício para exercer a democracia. "Infelizmente, a participação do povo tem se resumido ao voto. A simplesmente colocar o voto na urna. E quando se ouve, o faz para fins pessoais, como se a política pudesse servir a fins meramente pessoais", critica.

O presidente da Juventude do PSD-BA, Ruy Bloneto, observa que alguns esforços de conscientização estão sendo bem sucedidos. "Quando os jovens despertam para a realidade querem contribuir com o desenvolvimento do seu país". No entanto, ele faz uma ressalva: "sempre respeitamos os mais experientes e dispostos a ouvir e apropriar o que há de bom".

De todo modo, conservar ou abandonar, eleitores ou não, é na juventude que o sujeito se percebe num mundo, com problemas, lutas e propostas de soluções. A juventude parece ter uma propensão natural a participar, de algum modo, da comunidade, o que inevitavelmente é uma atitude política. Lúcia Souza de Aguiar, 19, estudante de Direito, afirma que a juventude abriu dos melhores sonhos, os objetivos mais ouvidos, as perspectivas mais vividas.

Lupa procurou saber de alguns políticos: ao longo de sua trajetória política, mudaram as convicções de juventude?

Álvaro Santana

"Os objetivos centrais não mudaram: O que muda são os caminhos, a forma de chegar aos objetivos. Com a maturidade a gente fica mais maduro, mas flexível. Mas as convicções continuam as mesmas. Hoje, a crise política, a corrupção e a ideia de que todo político é igual têm destimulado vocações. O que era uma fonte de orgulho, hoje é motivo de vergonha. Mas a política ainda é o caminho para a solução dos problemas sociais".

André Vinha Lima

"Quando a gente realmente acredita e ama uma causa, não se troca de posição como se troca de roupa. Vou embebezer acreditando que o socialismo é absolutamente necessário para a humanização dos povos, contra a naturalização do acúmulo de riqueza por parte de uma minoria e a proliferação da miséria entre a maioria, promovidos pelo capitalismo. Vou continuar lutando sempre contra o racismo e as discriminações entre homens e mulheres. Gosta da liberdade, da ideia de dividir as coisas e de respeitar a diversidade que mora nas pessoas".

André Vinha Lima

"A linha de conduta é a mesma, por isso permanecemos inalterados os objetivos de justiça social e combate a toda forma de discriminação. O fato de ter vindo para o governo não significa que os objetivos foram abandonados. Se os papéis mudam com o tempo, na medida em que se atua como sindicalista, como deputado, ministro ou governador, as convicções se mantêm. Afinal, só vale a pena fazer política se o objetivo é melhorar a sociedade em que se vive".

Renier Afonso

"Eu já tô com 51 anos e com o passar do tempo eu me faço mais de esquerda. Diferente do que diz nosso presidente, que ninguém deveria ter de esquerda depois dos 60 (anos), eu acho que nós precisamos ser cada vez mais de esquerda. Eu sou cada vez mais de esquerda, cada vez mais defensor do socialismo".

Luísa de Mota

"O foco de atuação continua. Entretanto, outras frentes de luta vão se abrindo, porque novas demandas surgem a cada dia e o político tem que acompanhar essas transformações, não pode viver apenas do passado. O passado serve como referência para continuar lutando".

Nelson Pellegrino

"A minha postura não mudou, mas é óbvio que os tempos são outros e exigem respostas novas. Temos que lidar com novos problemas e buscar respostas para questões ligadas ao gênero, a etnia, a preservação do planeta, entre outras lutas. Cada época exige uma forma específica de atuação".

Antônio Imbassay e Paulo Souto também foram procurados, mas não se manifestaram até o fechamento desta edição.

1992 Setembro: A população pede a impeachment do Presidente Collor. Os protestos tiveram como protagonista a juventude, que pintou no rosto "Fora Collor", em verde e amarelo, e "Impeachment Já!" foi o chamado "Movimento das caraculadas".

1997 Maio: Estudantes e sindicalistas entram em confronto com a polícia militar durante a privatização da AEM.

1998 Abril: Estudantes em protesto contra a política educacional do presidente Fernando Henrique Cardoso, no Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1998.

2001 Maio: Os prefeitos da UNE, UDES e CUT em geral da Associação de Mandato do senador ACM foram violentamente reprimidos pela Polícia Militar a mando do governador César Borges.

2003 Setembro: Revolta do Buzi - protesto dos estudantes de Salvador contra o aumento da passagem dos ônibus. Durante ACM foram violentamente reprimidos pelas ações espontâneas que faziam bloqueios simultâneos nas principais avenidas da cidade.

A versão completa da revista pode ser acessada em:
http://issuu.com/lupaonline/docs/revlupa5_visualizacao/3



6 CONSIDERAÇÕES

Apesar das dificuldades que o impresso vem sofrendo em todos os gêneros, a Lupa vem se consolidando como um veículo comprometido com a sociedade na qual está inserida, dando especial atenção aos jovens e aos seus interesses. A matéria *Nada será como antes* não toma como verdade a idéia simplista de que a juventude atual é apática. Para tanto, busca informações para problematizar a questão, a ponto de percebermos que a realidade é mais complexa e exige um olhar mais atento antes de um juízo valorativo. Afinal de contas, escolher não participar do jogo partidário já é uma decisão política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética na imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. Um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de redação**. São Paulo: Publifolha, 2005.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005
- HOMEM DE MELO, Chico (org.). Design de revistas: Senhor está para a ilustração assim como Realidade está para a fotografia. In: **O design gráfico brasileiro Anos 60**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006. 98-187 p.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Summus, 1988.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2004.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**. Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986.
- REVISTA LUPA. **Manual de Redação da Revista Lupa**. Faculdade de Comunicação da UFBA. Inédito.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Manual de Redação, Jornal Laboratório Campus**. Disponível em: <http://jornalcampus.yawl.com.br/manual.php?secao_man=secr>. Acesso em: 5 abril 2008.